

O NADA E O MAL NA FILOSOFIA MORAL DE LEOPARDI

Rossano Pecoraro¹

Resumo: O objetivo desse texto é apresentar e discutir o conceito do Nada no pensamento e na filosofia moral de Giacomo Leopardi. Esse Nada (*Nihil*), que é algo mais radical e profundo do que a noção moderna de Niilismo do qual de alguma maneira deriva, atravessa o “sistema” de pensamento leopardiano a partir das suas perspectivas ontológicas, morais e sociais. “Tudo é Nada (...). Tudo é Mal” escreveu o nosso Autor no *Zibaldone*, oferecendo um enigmático portal para compreender o sentido de toda a sua reflexão.

Palavras-chave: Nada. Mal. Filosofia moral. Ontologia. Niilismo.

THE NOTHING AND THE EVIL IN LEOPARDI'S MORAL PHILOSOPHY

Abstract: The purpose of this text is to present and discuss the concept of Nothing in the thought and moral philosophy of Giacomo Leopardi. This Nothing (*Nihil*), which is something more radical and profound than the modern notion of nihilism from which it somehow derives, crosses Leopardi's “system” of thought in its ontological, moral and social perspectives. “Everything and nothing (...). Everything is Evil”, wrote our Author in *Zibaldone*, offering an enigmatic portal to understand the meaning of all his reflection.

Key Words: Nothing. Evil. Moral Philosophy. Ontology. Nihilism.

78

Na Cruz e na Terra, as idênticas lamentações: “Pai por que me abandonaste?”. Para quem tem Fé o destino talvez seja menos funesto e a vida mais alegre, uma vez que há, ao menos, a possibilidade de invocar – para venerá-lo ou xingá-lo – um “Pai” que nos abandonou e cujos desígnios são imperscrutáveis e, exatamente por isso, impregnados de esperança. Mas não há sentidos, esperanças, alegrias nem tampouco consolações para que foi obrigado a vir à luz, para quem não pôde *escolher* de não nascer (ou, o que dá no mesmo, de ser abortado).

Não se compreende a fundo o pensamento de Giacomo Leopardi se não se leva à sério, ontologicamente à sério, o sentimento do Nada² que o atravessa e o forja. Não se

¹ Professor do Departamento de Filosofia, do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências (PPGENFBIO) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1015-7744>. E-mail: rossfilo@hotmail.com

² Nos anos de 2004-2005 usamos essa expressão em algumas comunicações e debates. Em seguida a utilizamos na nossa Tese de doutorado *Infirmitas. Niilismo – Nada – Negação* defendida em 2006 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e no capítulo de livro “O Sentimento do Nada: María Zambrano e Giacomo Leopardi” escrito em 2007 e publicado no ano seguinte. Em 2009 a

trata do nada como diferença ou alteridade, do nada que inspira o niilismo, da nadificação das “coisas” com as quais se ocuparam várias gerações de pensadores, Heidegger *in primis*, do trabalho de Sísifo ou da corrida atrás do vento de Coélet no *Eclesiastes*, de cordas estendidas sobre o abismo pelo Zarathustra nietzscheiano, de pessimismos mais ou menos cósmicos de cunho schopenhaueriano ou cioraniano, de éticas negativas ou, por fim, do nada apofático, isto é, o modo mais extremo e radical de pensá-lo que me seduziu ao longo de uma década (o nada como algo absolutamente diferente e transcendente, (des)construído a partir da negação de todos os seus possíveis atributos e de todas as suas determinações e categorias). Não, Leopardi sente que o “Nada é”, que “o Nada é o ser”. O Nada é. E Ele devasta, esmaga, tortura lenta e incessantemente quem não teve a sorte de não nascer; quem não pode ou não consegue afastar de si o sentimento do Nada e olvidar a pergunta fundamental (como diziam os alemães da filosofia a *Grundfrage*): por que existo? Por que essa vida?

Dois são os princípios que norteiam a literatura, a filosofia e a existência de Leopardi: o primeiro, ontológico, é a impossibilidade de não nascer, de suicidar-se no berço diante do “mal essencial”; o segundo, antropológico, é o anseio por um algures, que jamais será alcançado por causa da imperfeição da natureza humana. Em outros termos, não apenas somos obrigados a vir à luz (o nascimento é um ato violento, arbitrário e ao qual dão não demos o nosso consentimento), como, uma vez nascidos, temos que carregar o fardo da nossa insignificância e da nossa incurável infelicidade. Do lugar onde esses dois princípios se cruzam surge, por fim, o arqué *ético-moral* leopardiano, o fundamento e a causa primeira da sua obra, que outros autores definiram como “dialética” na qual, porém, a sistemática tensão entre *ethos* e *moralis* nem sempre ganha o devido destaque ofuscada por aspectos ora estéticos e literários, ora sociais e políticos, ora linguísticos e históricos, ora materialistas e pessimistas, etc.

Domesticar o Nihil?

Levando em consideração os objetivos, e os limites desse texto, só é possível acenar a algumas interpretações que marcaram a história da crítica no século XX na Itália

Editora Rizzoli de Milão publicou uma coletânea de escritos de Leopardi, prefaciada por Emanuele Severino, com o título “Il sentimento del nulla”.

começando por Cesare Luporini que no livro *Leopardi progressivo* (1947) tem o mérito de começar a destacar o valor filosófico e social da obra leopardiana. Antes dele, porém, sinais consistentes dessa perspectiva já haviam aparecido em outros livros, como o de Adriano Tilgher, *A filosofia de Leopardi*, (1940) e, principalmente, nos escritos de Giuseppe Rensi que, já na década de vinte, considerava Leopardi um dos maiores *filósofos* europeus. Por outro lado, devemos lembrar da perspectiva hermenêutica introduzida por Walter Binni (*A nova poética leopardiana*, 1947) que, seguindo certas indicações de Luporini, torce o pensamento leopardiano na direção de um iluminismo ideológico, de uma racionalidade construtiva e de um elogio do progresso científico e político-social. Uma operação dúbia que, como escreve Mario Andrea Rigoni, provoca a “total inversão de elementares dados objetivos de qualquer leitura, não diríamos virgem e não diríamos nem impudente, mas ao menos não absolutamente cega, do pensador e do poeta” (RIGONI, 1997, p. 175). Leopardi, o homem “que viveu e cantou a experiência do deserto” (IDEM), um “dos *sábios* da humanidade que encontra os seus ascendentes ideais somente em Buda ou Coélet, é obrigado a vestir a roupa miserável do *intelectual* moderno” (IDEM); e a sua obra, uma das maiores e menos assimiláveis do pensamento moderno, é “literalmente mutilada e distorcida em uma leitura doméstica e tranquilizadora, conforme os ditames de um *wishful thinking* obrigatório e banal” (IDEM, p. 176). O pensamento de Leopardi, talvez por ser de uma lucidez única e de uma magnificência ímpar nem obteve, de resto, o reconhecimento dos seus grandes contemporâneos. Schopenhauer, Wagner, Nietzsche (e também uma parte consistente de discípulos e comentadores das grandes filosofias do *Novecento* europeu) sabem de estar diante de um excepcional Filósofo embora não queiram, ou não consigam, admiti-lo. Com efeito,

quando Nietzsche, que tem uma influência decisiva na cultura contemporânea, escreve que Leopardi é o maior prosador do século, ou “o filólogo ideal”, contribui de modo determinante para esconder a sua grandeza filosófica – da qual Nietzsche é profundamente devedor. De maneira análoga, quando De Sanctis crê que o pensamento de Leopardi é essencialmente idêntico ao de Schopenhauer, do qual, aliás, exprime com mais intensidade e força a substância, nada mais faz do que cancelar a filosofia de Leopardi, a faz desaparecer. Para a cultura marxista trata-se de uma filosofia autenticamente revolucionária; entretanto também esta reavaliação do pensamento de Leopardi contribuiu para reduzir o seu valor e significado, porque o considera sempre *no contexto* da filosofia contemporânea, na qual domina o pensamento de Marx; ou o reconduz à filosofia e à cultura do iluminismo: não se percebe

que é exatamente o pensamento de Leopardi a ter constituído, de modo subterrâneo mas decisivo, este contexto e a ter virado as costas para a tradição do Ocidente e a tudo o que dela permanece na própria filosofia moderna. Não se escuta o grande diálogo de Leopardi com toda a civilização e cultura do Ocidente e com o próprio futuro do Ocidente (SEVERINO, 2004, p. 6).

Deixando de lado as várias adjetivações do pensamento de Leopardi (romântico, iluminista, reacionário, negativo, neoplatônico, materialista, progressista, etc.) é necessário nos concentrar em um único, fundamental, abissal aspecto seu: o *nihil*; ou mais precisamente, o sentimento do Nada. É interessante lembrar a opinião de Alberto Caracciolo segundo o qual Leopardi pensou, poética e filosoficamente, os motivos essenciais do niilismo. A percepção lúcida e trágica das inquietações últimas que o *nihil* põe o invadiu cedo, assim como o “niilismo metódico”, a pergunta fundamental sobre o ser e o nada; em uma expressão, sobre o sentido. Influenciado por Heidegger³ e pelos *Leitworte*: morte – tempo – Deus, Caracciolo compreende o nada leopardiano como o espaço no qual se gera aquilo que constitui a vida do homem enquanto homem; o estado fundamental, a angústia ou o tédio, que revela ao *Dasein* a sua essência, a sua possibilidade mais própria. O decisivo é sublinhar a introdução de uma *distinção*, muito comum e difundida nos discursos filosóficos continentais, entre o Nada (“religioso”, “que se transforma em ser”, que gera “angústia e paz” que “é fonte de altíssima vida e poesia”⁴; em italiano: *il nulla*) e o nada (aniquilador, estéril; o “nada objetivista” (CARACCILOLO, 1976, p. 79) o “nada do pessimismo e do niilismo” (CARACCILOLO, 2002, p. 49), em italiano: *il niente*).

O Nada (*nulla*) que está no horizonte da angústia não é o nada (*niente*) que se pode imaginar ao término da minha vida, que anula a minha vida; é aquele defronte ao qual, como no *Infinito* de Leopardi, anula-se a totalidade dos mundos. Se o Nada (*nulla*) fosse nada (*niente*), nada (*niente*) poderia gerar-se dele; mas o Nada (*nulla*) da angústia é o espaço em que se gera o que constitui a vida do homem enquanto homem. Exatamente naquele espaço, em que tudo o que é aparece como puramente contingente, gera-se a invocação religiosa, a pergunta filosófica, a poesia, a comunicação (CARACCILOLO, 1976, pp. 96-97).

³ Os textos mais significativos da polémica Caracciolo-Heidegger foram reunidos pelo autor (falecido em 1990) no volume *Studi heideggeriani*, Tilgher, Gênova, 1989.

⁴ Estas citações são extraídas de uma nota de um ensaio sobre Heidegger, publicado uma primeira vez em 1960 e sucessivamente inserido em *Studi heideggeriani*. A nota, com o título “Il ‘Nulla’ di Heidegger e il ‘Nulla’ di Leopardi”, foi republicada no livro *Leopardi e il nichilismo* (p. 49).

Leopardi é um dos raros pensadores do Ocidente que enfrentou – e padeceu em cada fibra do seu corpo e em cada página da sua filosofia – o enigma do Nada. Um *Nihil* simétrico, oposto complementar, antagônico do ser e, ao mesmo tempo, sua sombra, seu outro eu. Nada e ser co-existem. Habitam o indistinto, o indistinguível, o inaudito. O Nada é; trata-se de um problema real. É uma potência extraordinária, tal como o Ser. No entanto, a filosofia sempre os enfrentou de uma forma absolutamente assimétrica. Se a questão do ser têm atravessado a história do pensamento em uma espantosa continuidade que de Parmênides vai até as reflexões no limiar do terceiro milênio, o nada, ao contrário, têm sido examinado quase *en passant*, de uma maneira irregular, descontínua, descompassada, procedendo por saltos, irrupções e asfixias. Além disso, não é muito difícil perceber que a emergência do Nada – como princípio e potência fundadora – ocorreu apenas em alguns momentos de raro esplendor intelectual, enquanto a cultura e a filosofia ocidental dedicavam todas as suas energias especulativas ao ser, ignorando ou proibindo pensar a sua sombra, a sua alteridade. E quando o Nada foi absorvido pela especulação filosófica tratou-se sempre de um jogo com cartas marcadas. O Nada tem sido objeto de um exorcismo milenar. É o recalque do Ocidente cuja metafísica tem executado com uma devoção exemplar os desígnios: anular, nulificar, reduzir a nada o nada, aniquilar o nada. *An-nulla-re il nulla*. Afugentá-lo através dele mesmo, mediante a sua própria potência, revelando assim a sua congênita impotência, o seu intrínseco terror.

82

“Tudo é nada no mundo. Tudo é mal”

Nilista radical *ante litteram*, Leopardi ataca a verdade. Ela é aniquilamento, supressão; é a outra face do Nada. Nenhuma salvação pode vir da verdade. Ela é uma ficção, um monumento ao Nada. O fundamento último, o sentido, a “verdade” – à qual a condição humana se agarra em um ímpeto de desespero, terror e angústia provocado pela consciência (*consapevolezza*) da sua ínfima sorte e da vaidade de todas as coisas – é destinada a dissolver-se, aniquilar-se, reduzir-se a nada. Pobre de nós, uma vez que, como lemos no início do *Zibaldone* (72-3), “Tudo é nada no mundo”. O Autor é de uma clareza exemplar: “O princípio das coisas, e de Deus mesmo, é o nada” uma vez que nenhuma coisa é “absolutamente necessária”, isto é, não há razão alguma por ela não poder não ser, ou não ser deste ou daquele modo etc. Em outras palavras, o primeiro e universal princípio de todas as coisas do mundo, ou não existe e nunca existiu ou se existe ou existiu, não

podemos conhecê-lo de modo algum, não tendo nem podendo ter nem que seja o mínimo dado para “julgar” que coisas estão antes de coisas, e “conhecê-las para além do puro fato real”.

Esse *pensiero* é decisivo. Não há sentido originário, luz primordial, razão. Desde o começo é o Nada – e não *a posteriori*, no final de um processo histórico marcado pelo niilismo, no qual o ser como tal nada mais é, desaparecem todos os mundos, o princípio enfraquece-se, etc., mas sim desde o começo. Sim, desde o começo nenhuma coisa é necessária, não há razão alguma para ela ser, ser assim, ser de outro modo, não ser. Inútil discutir sobre a origem, sobre um primeiro e universal princípio de todas as coisas. Nesse momento Leopardi – atente-se – não está falando do Nada, mas sim de qualquer outro princípio (ou sentido) que a civilização e cultura ocidental puseram como fundamento e origem. Ele afirma o essencial: se existiu alguma coisa antes das coisas é absolutamente impossível conhecê-la porque não temos nem teremos nenhum dado para julgar um princípio e conhecê-lo “*para além do puro fato real*”. O sentimento do Nada desvela ao poeta e filósofo italiano que é o mundo tal como ele é – absurdo, insensato, terrível – a permitir o surgimento de uma implacável teoria do conhecimento. O *puro fato real*: irônico e desencantado, Leopardi repreende a nós, animais racionais, o erro natural, a operação consoladora mediante a qual atribuímos ao princípio de todas as coisas tudo aquilo que *julgamos* ser a perfeição (isto é, as quimeras e as esperanças que vão além do puro fato real, do mundo como ele é) e desta forma cremos ter conseguido compreendê-lo e conhecê-lo. Lemos no *Diálogo de Plotino e Porfírio*: “Os prazeres são inteiramente vãos. A própria dor, a da alma o é, quase sempre: porque, se observares sua causa e sua matéria, considerando-as bem, ela é pouco ou quase nada real. O mesmo digo do temor e da esperança” (LEOPARDI, 1996, pp. 438-439). “Tudo é nada no mundo (...). Tudo é mal”. A realidade, tudo aquilo que é, é mal. Leopardi vai além: “que cada coisa exista é um mal (...) a existência é um mal” e sua finalidade é má. O fim do universo e de todas as suas criaturas “é o mal” (LEOPARDI, 1991, 4174).

No sentimento do Nada reside a grandeza poética, humana, filosófica do nosso Autor. O mundo e as suas criaturas não são sustentados nem explicados por princípio ou deus algum, mas sim fundados pelo nada e no nada. Mas o mundo e as suas criaturas existem, não são um nada no sentido que são algo existente, mas são nada porque o puro fato real revela, com absoluta distinção e clareza, o nada que as fundamenta. Revela o

ínfimo, o mortal, o finito, o absurdo, o mal, que são seus atributos essenciais. “Tudo é nada no mundo (...).Tudo é mal”: o sentimento do Nada impede qualquer reconciliação, apesar das tentativas e das ilusões cantadas com (irônica) esperança por Leopardi. Deve ser destacado, aliás, que não se trata de sentimentos e ponderações ligados à vida do pensador de Recanati – como se a saúde debilitada, a doença, a falta de beleza e força física, o ambiente familiar opressor, a erudição afetada e livresca do pai, as decepções amorosas, etc., pudessem explicar mais do que o óbvio. Tudo isso é puro fato real, decerto. Mas há algo mais profundo e abissal na história e no pensamento de Leopardi que não se deixa distinguir com facilidade. Trata-se, como estamos tentando exprimir, do sentimento do Nada universal, do vazio cósmico de quem ouve “as vozes do mundo” e é invadido pelas suas perturbações, que se refletem no rosto álgido semelhante ao de Elias, totalmente transfigurado “como se toda a dor do mundo se tivesse concentrada aí para deixar a sua marca”⁵.

Leopardi e a sua grandeza, porém, não se reduzem a isso. Algo muito maior está em jogo. Trata-se da tensão ético-moral, da lucidez extrema, ancípite – que só o sentimento do Nada e o puro fato real doam – de quem não pôde não nascer, de quem é invadido pela pergunta fundamental: por que este ser e não, antes, o nada? Por que eu, assim, desta forma e não o não-ser eu, o nada que eu não sou? É o sentimento da nostalgia; da gratuidade de uma existência ínfima; da maravilha e do horror diante das e nas coisas do mundo. Segundo Leopardi, a natureza humana é constituída por quatro elementos indissociáveis: o pensamento, o amor próprio, o desejo de felicidade e a esperança (que em sua trágica dialética com o esquecimento é o único sentimento capaz de proporcionar ao homem algum tipo de contentamento com a vida). “Eu vivo, logo espero” lê-se no *pensiero* 4115 do *Zibaldone*: a esperança está presente em todo momento da nossa vida, em todo pensamento, em todo desejo⁶. E quando os seus inevitáveis fracassos e as suas terríveis frustrações nos despertam do nosso sono de ilusões o círculo vicioso se encerra

⁵ *Schlafes Bruder* é o título do romance de Robert Schneider publicado em 1992 (tr. it., “Le voci del mondo”, Einaudi, Torino, 1994). O livro narra a história de Elias Alder, um montanhês austríaco que com cinco anos de idade, depois de um êxtase musical de inaudita violência, torna-se capaz de ouvir “o som do universo”; de perceber todas as suas vozes, todos os seus sussurros, os seus uivos, os seus desesperos.

⁶ “Ogni momento è un pensiero, e così ogni momento è in un certo modo un atto di desiderio, e altresì un atto di speranza, atto che benché si possa sempre distinguere logicamente, nondimeno in pratica è ordinariamente un tuttuno, quasi, coll’atto di desiderio, e la speranza una quasi stessa, o certo inseparabil cosa col desiderio”.

e somos lançados ao abismo do desespero e da infelicidade. Não há “grande mistério” na natureza e, ao mesmo tempo, tudo é misterioso: Leopardi possui a *consciência da infelicidade*, é invadido por esse duplo movimento. Custodia o arcano luminoso, o enigma solucionado, que, porém, *não* deixam de ser arcano, enigma: “tudo é nada no mundo”, “o nada é o princípio de todas as coisas”, “tudo é mal”; e as “coisas não são nada”, diante delas que obscuro sentimento de “maravilha e admiração”, quantos versos gerados em nome da beleza, da ilusão, da leveza. O (sentimento do) nada não se suaviza nem se anula.

É impossível não nascer; decidir a respeito do não-ser. Mas o mundo, a existência é nada; é o que é exatamente porque foi, *é* e será nada: infundada, gratuita, ínfima, absurda, finita, sem fim nem escopo. É nada; e nada se poderia acrescentar se estivesse em nosso poder modificar algo essencial. Não é possível ser abortado; no mundo tudo é nada: a dor, o desespero também o suicídio. É nada; e só é possível *dizer* algo, porque o sentimento do Nada não permite a Leopardi a vida (antes e sobretudo no seu sentido mais banal, corrente, ordinário, ou seja, no sentido da vida que qualquer um leva) nem tampouco a morte. O sentimento do Nada impede a Leopardi o existir *e* o suicidar-se; o amor *e* a morte. Sobram versos, pensamentos, escritos. Cantam-se a vida, as ilusões, o “arcano admirável e aterrorizante”; o esquecimento (a *dimenticanza* e a *distrazione*, o *oblio*) que único permite viver, como escreveu um jovem Leopardi no *Zibaldone*, antecipando em meio século as conclusões de Nietzsche e, sucessivamente, de Cioran.

Leopardi, com efeito, afirma [no início do *Zibaldone*] que a razão, compreendida como lucidez total da consciência, conduz nem mais nem menos a uma pura e absoluta loucura, enquanto o esquecimento (*oblio*), que é o oposto da razão e aparece portanto como uma forma de loucura, é na realidade a única coisa sábia e razoável para o mundo porque, justamente, só ele consente viver. É o erro que funda a possibilidade da existência, da vida, do agir, enquanto a verdade – a presença imediata e ininterrupta da verdade à consciência – os aniquilaria instantaneamente. (RIGONI, 1997, p. 177).

O Nada como fundamento

Deve-se destacar que, seguindo a grande tradição greco-romana, a filosofia moral (ou se preferir, a ética) de Leopardi está fincada em um arcabouço teórico e disciplinar bastante amplo, no qual são fundamentais outras reflexões (e posições) de cunho metafísico, ontológico, histórico e antropológico. Ora, tudo é Mal. A natureza humana é inquieta, estupidamente insaciável, desmedida. As energias vitais do desejo e da

esperança nos devastam em um turbilhão de insatisfação perpétua. Dor e Tédio são os pilares da nossa mísera existência. Os vermes da ilusão nos devoram.

O próprio viver é essa ilusão, que se manifesta não na doença, na solidão ou na morte, mas no envelhecer; naquela decadência da força vital, naquela dissipação da energia que “priva o homem de todos os prazeres, deixando-lhe apetites”, trazendo de volta inúmeras dores, e ainda assim “os homens temem a morte e desejam a velhice” (PE, VI: 28). Nosso desejo de felicidade é tal, para Leopardi, que condiciona a própria ontologia: nem todo ser, de fato, é desejável, mas “somente o ser feliz” (*Diálogo de um físico e um metafísico*, OM: 124). A impossibilidade da alegria, porém, está inscrita na complexidade da vida social, no nosso corpo, na inevitabilidade da destruição que em um movimento incessante substitui vidas por vidas, seres por seres sem que isso possua algum sentido fora de uma eterna e gratuita alternância. O resultado é para os homens uma oscilação contínua e absurda entre a dor e o tédio, cujo desfecho final é a morte. Se esta é uma dinâmica ontológica e, portanto, universal, os mais afetados são naturalmente os entes que tem consciência disso: os humanos (BIUSO, 2022).

As consequências axiológicas dessa concepção são muitas. Dentre elas, apenas para dar um ou dois exemplos, há a distinção entre indivíduos “nobres” e massas “estultas”, que se fundamenta justamente no que é possível definir como “consciência da dor” (e da “infelicidade”): quanto mais um ser humano afunda na dor e na percepção da insensatez e da vaidade de todas as coisas, mais ele pode se afastar da mediocridade, do conformismo e da covardia para alcançar a virtude e dedicar-se à construção de um projeto de vida digno, solidário e virtuoso. Paralela a essa posição corre o repúdio ora irônico ora veemente de toda doutrina que defenda algum tipo de superioridade ontológica do ser humano. Medida de todas as coisas, como queriam os gregos? Dono da terra porque imagem e semelhança do verdadeiro Deus, como afirmavam certos doutos cristãos? Centro e fim do universo, segundo as filosofias antropocêntricas da tradição? Leopardi, notadamente nos escritos das *Operette Morali*, responde negativamente a essas perguntas descrevendo as ridículas pretensões do homem e da sua razão. A Natureza, com efeito, é indiferente ao destino dos homens. Mais do que Sísifo e o seu patético, e eterno, trabalho empurrando uma imensa pedra, é Prometeus o grande derrotado da História Ocidental, o tão celebrado “herói” do conhecimento, da técnica e da ciência que é obrigado a admitir o seu fracasso provocado pela confiança no ser humano desmedido em suas ambições e “sumamente imperfeito”. Pensamos que tudo é feito para nós, quando na verdade somos

partes minúsculas e ínfimas de uma Natureza inóspita e indiferente. Iludimo-nos acreditando que somos “miseráveis por acidente” quando o somos “por natureza”.

A filosofia moral leopardiana se funda no sentimento do Nada e no reconhecimento da realidade e na *essencialidade* do Mal (e portanto da ilusoriedade do Bem). O fato é que o “mal, sujeito da dor e das paixões desprazerosas, é real; o bem, sujeito da felicidade, nada mais é do que imaginário” (LEOPARDI, 1991, 716-17).

A vida é um mal e um desprazer em si e por si (...). A vida é por natureza um estado violento, uma vez que ela é desprovida por natureza do seu sumo e natural desejo e fim, da sua suma e natural necessidade e perfeição, isto é, a felicidade. E uma vez que essa violência nunca termina, não existe um só momento da nossa vida que não seja sem infelicidade, aflição e desprazer” (LEOPARDI, 1991, 4074-75).

O sumo bem é uma ilusão, a “felicidade não existe” (IDEM, 4168). A conclusão do *Zibaldone* é exemplar,

Tudo é mal. Ou seja, tudo aquilo que é, é mal. Que toda coisa exista, é um mal; o fim de toda coisa é o mal; a existência é um mal e é ordenada ao mal; o fim do universo é o mal; a ordem e o estado, as leis, o curso natural do universo nada mais são do que mal nem visam outra coisa a não ser o mal. [“Não há outro bem além do não ser]. Non v’è altro bene che il non essere; non v’ha altro di buono che quel che non è”]. Todas as coisas são más. Tudo aquilo que existe, o conjunto de todos os mundos que existem; o universo nada mais é do que um defeito, uma mácula metafísica. A existência, por sua própria e geral natureza e essência, é uma imperfeição, uma irregularidade, uma monstruosidade (Leopardi, 1991, 4174-75)⁷.

87

O veredicto leopardiano é implacável; ilusão nenhuma sobreviverá à chacina⁸:

Não somente o homem, mas o gênero humano foi e sempre será necessariamente infeliz. Não somente o gênero humano, mas todos os animais. Não somente os animais, mas todos os seres vivos. Não somente os indivíduos,

⁷ “Tutto è male. Cioè tutto quello che è, è male; che ciascuna cosa esista è male; ciascuna cosa esiste per fin di male; l’esistenza è un male e ordinata al male; il fine dell’universo è il male; l’ordine e lo stato, le leggi, l’andamento naturale dell’universo non sono altro che male, nè diretti ad altro che al male. Non v’è altro bene che il non essere; non v’ha altro di buono che quel che non è; le cose che non son cose; tutte le cose sono cattive. Il tutto esistente; il complesso dei tanti mondi che esistono; l’universo; non è che un neo, un bruscolo in metafisica. L’esistenza, per sua natura ed essenza sua propria e generale, è un’imperfezione, un’irregolarità, una mostruosità. [...] Il tutto esistente è infinitamente piccolo a paragone della infinità vera, p. dir così, del non esistente, del nulla”.

⁸ A *chacina das ilusões* (*La strage delle illusioni*) é o título de um livro sobre Leopardi escrito por Mario Andrea Rigoni e publicado pela Editora Adephi em 1992.

mas as espécies, os gêneros, os reinos, os globos, os sistemas, os mundos (LEOPARDI, 1991, 4174-75).

Nada resiste ao Nada. O “eterno retorno” de uma vida afundada na infelicidade e no mal é pura loucura. Ninguém aceitaria renascer uma vez que na vida “todos experimentamos mais mal do que bem” (LEOPARDI, 1991, 4283-8). Todo ser humano, como afirma o passageiro no seu diálogo com o vendedor de almanaques, gostaria de ter “uma outra vida” e não a vida que efetivamente viveu, tragicamente repleta de mal e de alguns raros momentos de contentamento ou de alegria⁹. A punição por ter nascido é padecer o Mal em todos os seus aspectos. Não só os *mala in mundo*, isto é, os males e as aflições que assolam as nossas existências, mas que de alguma maneira podem ser enfrentados e (parcialmente) curados, como também o *malum mundi*, vale dizer, o Mal em si; o *Mal esturutural*; a Negatividade ontológica que contamina e devasta toda a realidade. Na Cruz e na Terra as idênticas lamentações: “Por que, deus do mal, puseste na vida alguma aparência de prazer?” lê-se no esboço do *Hino para Arimanes* (texto incompleto e póstumo, escrito nos primeiros meses de 1833). Recebemos migalhas de felicidades e de amor... Mas foi somente “para nos supliciar com o desejo”, “o tempo” e os “outros”.

O diálogo poético de Leopardi consigo mesmo é, de novo, sempre já, o epílogo das nossas reflexões. Tudo é mal; a vida nada mais é do que uma absurdo pêndulo que oscila entre a “dor” e o “tédio”; as esperanças são vãs. Fomos obrigados a nascer. Fomos enganados e ludibriados. Mas está na hora de repousar. Findou o engano, que julgamos ser perpétuo. Nosso coração e nossa alma palpitarão muito e em vão. Mas “nenhuma coisa vale” os nossos impulsos, “nem digna é de suspiros / A terra. Nojo e tédio / É a vida, nada mais, e lama é o mundo. / Repousa e desespera / A última vez. À nossa espécie o fado / Não deu mais que o morrer. Enfim despreza / A natureza, o rudo / Poder que, oculto, o comum dano gera / E a vacuidade sem final de tudo” (LEOPARDI, 1996, p. 268).

Referências Bibliográficas

⁹ CF., “Diálogo de um vendedor de almanaques e de um passageiro”. In: *Operette Morali*, 369.

BIUSO, A. G. **Sulla filosofia di Giacomo Leopardi.** In: *Dialoghi Mediterranei*, nº 56, julho 2022. <http://www.istitutoeuroarabo.it/DM/sulla-filosofia-di-giacomo-leopardi/>
Último acesso: 03/10/2022.

CARACCILOLO, A. **Pensiero contemporaneo e nichilismo.** Nápoles: Guida, 1976.

_____. **Leopardi e il nichilismo.** Milão: Bompiani, 2002.

LEOPARDI, G. **Diálogo de Plotino e Porfírio.** In: **Poesia e Prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, 438-439.

_____. **Operette morali.** Milão: Garzanti, 1982.

_____. **Zibaldone.** Milão: Garzanti, 1991.

_____. **Zibaldone di pensieri** (edizione tematica condotta sugli Indici leopardiani). Roma: Donzelli, 2018.

PECORARO, R. **O Sentimento do Nada: María Zambrano e Giacomo Leopardi.** In: BOMBASSARO, L. C.; VIDAL, S. P. (Orgs.). **Latinidade da América Latina. Enfoques filosóficos e culturais.** São Paulo: Editora Hucitec, 2008, 453-469.

RIGONI, A. M. **Il pensiero di Leopardi.** Milão: Bompiani, 1997.

SEVERINO, E. **Il nulla e la poesia. Alla fine dell'età della tecnica: Leopardi.** Milão: Rizzoli, 2004 (nova edição).

VV.AA. **Appunti leopardiani.** (5-6), 1, 2013.